

## **Trump e Lula**

Márcio G. P. Garcia<sup>1</sup>

Difícilmente haverá duas pessoas com trajetórias tão distintas quanto Trump e Lula. Trump nasceu em berço de ouro e manteve sua fortuna como empresário do setor imobiliário na “capital do mundo”, Nova Iorque. Lula nasceu na miséria no nosso Nordeste e fez carreira como operário e líder sindical no ABC paulista. Um é líder de direita e o outro da esquerda.

Mas há também pontos comuns na trajetória dos presidentes dessas duas grandes democracias. Ambos são gênios políticos, que souberam ganhar eleições como poucos conseguiram. E têm também em comum terem voltado ao poder já em idade avançada. A volta ao poder após longo interregno parece ter tido um efeito comum em ambos, o de lhes dar uma confiança ainda maior nas suas próprias opiniões sobre os mais variados temas, e de se cercarem por assessores incapazes ou temerosos de contrariar as opiniões do chefe.

No campo econômico, dadas as promessas de campanha, a expectativa do que Trump faria já não era muito boa. Mas ele está se saindo ainda pior do que se supunha. Havia quem esperasse que as tarifas fossem usadas como instrumento de negociação para obter diversas concessões de seus parceiros comerciais. Embora isso venha sendo feito em certa medida, houve também imposição arbitrária de tarifas em aliados e parceiros comerciais importantes, como o Canadá, o México e países europeus.

Trump vem criando enorme incerteza com seu vai-e-vem nas imposições de tarifas. A exacerbação da incerteza paralisa o investimento e ameaça criar uma recessão mundial. O mercado acionário já incorporou tal efeito, com bem sugere a queda recente das bolsas, sobretudo as ações de tecnologia. As taxas longas de juros nos EUA também cederam na esteira da expectativa de enfraquecimento da economia.

Boa parte da eleição de Trump foi atribuída à carestia. Mas se efetivamente impostas por períodos longos, as tarifas impulsionarão a inflação. O choque inflacionário será ainda maior caso a política de imigração logre expulsar contingente significativo dos trabalhadores não documentados, tornando a mão de obra pouco qualificada mais rara e cara nos EUA. Em um quadro de provável aumento do desemprego e queda das bolsas, o aumento da inflação acabará por afetar negativamente a popularidade do novo presidente.

Trump e seus ministros falam em dificuldades temporárias, e que seria necessário sacrifício imediato para a obtenção de maiores ganhos no futuro. Mas não há perspectiva real de ganhos futuros. A simples imposição de tarifas não trará de volta as indústrias que se migraram há décadas para a China. Mas, certamente, trará preços mais caros e menos dinamismo na economia, com queda de produtividade, investimento e crescimento.

Mas parece que Trump tem crença inabalável no poder milagroso das tarifas e será necessário elevado custo econômico e social para demovê-lo dessa ideia tão ruim. A esperança é que a

---

<sup>1</sup> Professor Titular, Departamento de Economia da PUC-Rio, Pesquisador Afiliado da MIT Sloan School of Management, Pesquisador Sênior do CNPq e Cientista Nosso Estado da FAPERJ, escreve mensalmente neste espaço. (<https://sites.google.com/view/mgpgarcia>).

queda na popularidade venha a ajudar a reverter o curso desastroso que vem sendo seguido nesse início de governo.

Em outras áreas, também o desempenho do novo governo é desapontador. Há concordância geral de que os EUA precisam colocar a política fiscal em ordem, reduzindo seus déficits fiscais. A principal medida tomada, contudo, o DOGE (Ministério da Eficiência Governamental), liderado pelo espalhafatoso bilionário Elon Musk, não tem produzido cortes significativos de gastos, apesar da demissão atabalhoada de funcionários e fechamento de agências governamentais sem qualquer critério. A renovação e provável escalada dos cortes de impostos de 2017, em benefício dos segmentos mais ricos da sociedade, contribuirá para manter a dívida pública dos EUA em trajetória imprudente.

O aumento persistente da razão dívida/PIB, caso venha a ser percebida como insustentável, poderia até vir a afetar o papel do dólar como moeda de reserva da economia mundial, bem como o dos títulos do Tesouro dos EUA como principal ativo sem risco. Por ora, este é um cenário muito improvável, pois se acredita que a correção da postura fiscal acabará por ocorrer. Mas é preciso que, ao fim e ao cabo, acabe ocorrendo. Não deixaria de ser irônico o fato de que justamente Trump, que ameaçou com tarifas os países dos BRICS caso conduzissem comércio bilateral sem o uso do dólar, pudesse vir a ser o artífice do eventual enfraquecimento do chamado privilégio exorbitante.

Por aqui, Lula também se mostra avesso a seguir conselhos econômicos sensatos. Sua própria equipe econômica já foi muitas vezes derrotada, em embates para conter a expansão fiscal. Todas as semanas há notícias de novas tentativas de burlar o já combatido arcabouço fiscal, através de pedaladas que vêm sendo a duras penas combatidas.

Qual será o comportamento futuro de nossa dívida pública? É preciso um otimismo panglossiano para achar que em 2026, ano eleitoral, em um cenário de popularidade baixa, juros altos e desemprego em ascensão, o governo deixará de expandir seus gastos (como, aliás, o fez o governo Bolsonaro). Para manter a inflação sob controle, o Banco Central será forçado a praticar juros muito altos. Déficits elevados e juros altos pioram a dinâmica da dívida pública, tornando o cenário no início do próximo mandato presidencial bastante desfavorável.

Afinal, Lula e Trump, cada um com suas ideias equivocadas sobre economia, vêm cometendo erros na política econômica que cobrarão caro. O problema é que são os mais pobres, mais cá do que lá, que acabarão pagando tal preço.